



“MANOELÊS” E A DESFUNÇÃO DA INFÂNCIA LÍRICA: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA COSTURA DE OUTRAS INFÂNCIAS POSSÍVEIS

“Manoelish” and the unfunction of the lyrical childhood: aesthetic experience of
sewing others potential childhoods

Helena Almeida e Silva **SAMPAIO**
Departamento de Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo, Brasil.
helenaalmeida@me.com
<https://orcid.org/0000-0001-6639-8670> 

Celso **KRAEMER**
Departamento de Educação
Fundação Universidade Regional de Blumenau
Blumenau, Brasil
celsok@furb.br
<https://orcid.org/0000-0003-2406-9638> 

Mais informações da obra no final do artigo ●

RESUMO

Neste artigo, insiste-se na palavra “infância”, não para definir um (novo) verdadeiro e derradeiro sentido, mas para pensar como resistir a uma infância que modela e emoldura a criança; como redobrar a força criadora do “devir-criança” sobre a própria noção de infância. Para tanto, lança-se mão da escrita e da costura como estratégias de criação de uma “máquina de guerra”, o “Manoelês”, como forma de “desterritorialização” do conceito de infância. Com o uso de costuras, linhas e fios, em um devir-artesã da pesquisadora na produção de conhecimento, faz-se a palavra “infância” perambular, bordando-a sobre excertos da poesia de Manoel de Barros, e criando uma “zona autônoma temporária” de experiência e sentido. A costura e a escrita abrem assim espaço para pensar-se uma ética/estética “crianceira” – não uma ética/estética da ou para a criança, mas uma ética que faz da criança um modo de “desformar” o educador.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Infância. Manoel de Barros. Poesia.

ABSTRACT

This paper insists on the word “childhood”, however, not to define to set a (new) true and ultimate meaning, but in order to think about how to resist a new childhood that shapes and frames the child; how rebind the creator force of “becoming-child” over the very notion of childhood. For this purpose, it draws on the writing and the sewing as strategy for creation of a “war machine”, namely, the “Manoelish”, as way of childhood concept “deterritorialization”. Using seams, lines, and threads, in a becoming-craftswoman of the researcher, producing knowledge, the word “childhood” wanders, embroidering it on extracts from the poetry of Manoel de Barros, and creating a “temporary autonomous zone” of experience and sense. Sewing and writing open space up to think about an ethic/aesthetics “childer” – not a ethics/aesthetics of or for the child, but an ethics that makes the child a way of unshaping the educator.

Keywords: Education. Philosophy. Childhood. Manoel de Barros. Poetry.

PERÂMBULO: FINGE QUE EU ERA...

Entre. Adoro “cheganças”¹. Venha sem fechar a porta. Se preferir, pule a janela. Na dúvida, tire os calçados e já venha pisando bem pelo meio do gramado do meu quintal. (In)surja a seu modo. Respire fundo. Perceba o cheiro do ar, sinta o que nos sopram os ventos e, para começarmos com o pé esquerdo², (re) calibre seu sensível a ponto de perceber que já pode dizer: “*Eu escuto a cor dos passarinhos*” (BARROS, 2010, p. 301, grifos no original). ‘Deslimite’ sua boniteza... Siga, coloque um pé, depois o outro, mantenha o movimento, a andança, a “desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 1996; 1997). Perfume-se de alecrim dourado da cabeça aos pés. Se puder, já chegue aqui descarregado, com arruda e guiné. Seja banho de cachoeira ou dança na chuva, molhe-se. Aventure-se por caminhos impensados. Brinque com a seriedade, deixe-se levar. Incline a cabeça para trás, mire o céu e gire com os braços abertos, rodopie até tontear os sentidos, embaralhar a percepção. Inunde-se de afetos, invente memórias. Pule, corra, como quiser. Cante a música que fala algo de você, bem *aquela* que lhe entrega, lhe despe, lhe toca. Arrisque declamar-me uma poesia qualquer, vale gaguejar. Abra o seu sorriso e conte-me um caso até arrancar-me um sorriso que espelhe o seu. Dê-me suas mãos, deixe-me andar do seu lado, sentir-me múltipla, fazer o par, rimar.

Finge que eu era (como dizem as crianças em metamorfose imaginativa) uma grata companhia numa viagem, num lugar a descobrir. Com aquele ímpeto passional de ir além, arrisco-me a perguntar-lhe: você brinca comigo de faz-de-conta que podemos? Trago como nota que, se responder-me “sim” – um “Sim” gravidamente inventivo, daqueles com “S” maiúsculo –, toda essa escrita será atravessa por um “afecto alegre” (PELBART, 2008; SPINOZA, 2008) e inundada por uma “grande saúde” (NIETZSCHE, 2012).

Ao nosso tempo (que desobedece a Cronos³ e esquiva-se do juízo), quando nos

¹ Fala-se aqui tanto da “chegança” de Chico Buarque (2009, p. 119), “Se soubesse como gosto das suas cheganças, você chegaria correndo todo dia”, quanto da “chegança” como folguedo popular do Nordeste do Brasil – baseado em antigas tradições ibéricas celebradas em romances de inspiração marítima e em danças que representam combates entre cristãos e mouros.

² Esquerdo ou “de esquerda”, que prevaleça o “devir-minoria” (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

³ Segundo Graves (2018, p. 61): “Os gregos tardios leem ‘Cronos’ como Chronos, ‘Pai Tempo’, com sua inexorável foice”. Em grego, outra palavra que designa (outro) tempo é “Aion”. Sobre Cronos e Aion em Deleuze, Peter P. Pelbart (2015, p. 72) escreve: “Cronos é o tempo da medida ou da profundidade desmedida, ao passo que Aion é o da superfície. Cronos exprime a ação dos corpos, das qualidades corporais, das causas, Aion é o lugar dos acontecimentos incorporais, dos atributos, dos efeitos [...]”.

sentirmos devidamente preparados, porque bem entranhados em outra territorialidade, podemos inventar um jeito desacostumado de pensar a infância – pensá-la como experimentação: “Ao entender a infância como experimentação, fluxos de intensidades, multiplicidades, mais do que uma questão cronológica, uma *etapa de vida*, esta passa a ser figura da descontinuidade, do possível, [do devir], uma relação intensiva com o tempo” (HILLESHEIM, 2013, p. 619, grifo no original).

Certamente os críticos dirão que queremos fazer dessa ficção algo minimamente convincente, ou cientificamente inconveniente. Ignore-os com todo respeito de quem entende que o ato de “fazer ciência” se cristalizou como sinônimo de método, de forma e de comprovação. Para alguns, não nós. Não, nós temos o “privilegio de não saber quase tudo. / E isso explica / o resto” (BARROS, 2010, p. 461). Aos que nos derem ouvidos, diremos que nosso fado é ter “um lado primaveril” (BARROS, 2010, p. 176), sobretudo porque “inventar aumenta o mundo” (BARROS, 2010, p. 362) e, “sobre o nada [temos] profundidade” (BARROS, 2010, p. 403).

Faz parte desse (nosso) jogo cavar vestígios de forças-matérias-corpos-expressões de infância(s). Faz parte parar para olhar “o jogo de amarelinha, os rituais infantis da pedrinha e o salto sobre um pé para entrar no céu” (CORTÁZAR, 2015, p. 33). Lançamos os dados e a sorte, avançamos ou recuamos posições no tabuleiro, há erros de cálculos, de estratégia, de lógica, há roubos, trapaças, blefes – tudo aquilo que compõe uma boa partida. Podemos ganhar, perder, cair, ralar os joelhos, pisar em buracos e, vez ou outra, até pôr um dedinho na ferida, bem ou mal guiados por um “caçador de achadouros de infância” (BARROS, 2008, p. 10), *jogamos*. Vamos escarafunchar as mínimas rachaduras, deslizar entre elas. Como mirada, temos os interstícios e as miudezas do chão. E nesse ziguezaguear tão forasteiro quanto rizomático, ouvimos ruídos: é alguém a sussurrar que “por uma só fresta, entra toda vida que o sol empresta” (RUIZ, 2017, p. 28).

Como andarilhos⁴, chegamos num território onde a linguagem obedece “mais a desordem das falas infantis do que as ordens gramaticais” (BARROS, 2008, p. 44), “onde desfazer o normal, há de ser uma norma” (BARROS, 2008, p. 47). Um lugar no

⁴ Sobre o andarilho, Manoel de Barros (2010, p. 353) escreve: “Penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre os seus gestos, sobre a abertura de sua voz etc. Estudar talvez a relação desse homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras. Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de se adquirir do chão a modo de um sapo. Antes de se unir às vergôntas como as parasitas. Antes de revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como os lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. Saber o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar.

qual a erudição é secundária, pois andávamos fartos de termos antissépticos, dispostos em rebuscada sintaxe “que fazem a glória de certos eruditos” (PERISSÉ, 2006, p. 26). Habitamos um território que nos incita a pensar numa outra infância, inventando-a com palavras, já que “só as palavras não foram castigadas com a ordem natural das coisas, [já que] as palavras continuam com os seus deslimites” (BARROS, 2010, p. 373). Tentamos, portanto, desguarnecer as fronteiras que impedem de relacionar o poético e o filosófico, para que o pensar e o sentir igualmente percam seus respectivos limites (SOUZA, 2010), para embaralharmos-los com mais destreza e inventividade.

Finge agora que eu era capaz de flagrar a “verdez das coisas” (SOUZA, 2010, p. 15), que o “mundo era perto, que bastava estender as mãos que chegava no fim do mundo” (BARROS, 2010, p. 386) e você reinventaria comigo esse cotidiano que sufoca a infância com descrições, prescrições, imposições, leões, -ões... Esticando-o até tal cotidiano sair “de seu atoleiro perceptual para imergir no estofado imaginativo” (MARINHO, 2017, p. 17), contaminando-o com a poética, enchendo-o de disfunções líricas que nos façam “dar mais importância aos passarinhos do que os senadores” (BARROS, 2010, p. 400).

Pôr a invenção da infância em jogo, provoca turbilhões. Afetados por “estranhos devires novos, por novas polivocidades” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 61), pela pluralidade de sentidos, de vozes, de formas de expressão, o funcionamento das palavras e das máquinas e dos agenciamentos a elas atrelados perdem sua consistência. E pedem por outra criança que aquela do “Pedagogês” (SAMPAIO, 2019) – essa língua de governança, de condução de condutas infantis, para fazer das crianças adultos funcionais. E, ouvindo e seguindo esse pedido, caminhamos no sentido de desenhar outro plano, outro tempo-espaco e outra linguagem para pensar essa potência da criança. A essa outra máquina/língua e suas experimentações, aqui, chamemos de “Manoelês”.

Finge que eu era, então, alguém que não quer lhe convencer. *Finge que eu era* uma ‘deslinguista’ e que o *Manoelês* fosse um tipo de idioleto avesso àquela complicação verbal, daquela construção frasal rebuscada que tanto afligia o *Pedagogês*. *Finge que eu era* uma contadora de mentiras ou de lorotas boas, uma ‘inventadora’ de infância(s) em edição renovada, uma provocadora de mistura, tessitura, propositura, abertura... *Finge que eu era* a “tura das turas”, no dizer de Cortázar (2015, p. 443):

A nossa verdade possível tem de ser invenção, ou seja, literatura, pintura, escultura, agricultura, psicicultura, todas as turas deste mundo. Os valores, turas, a santidade, uma tura, a sociedade, uma tura, o amor, pura tura, a beleza, tura

das turas. [...] arde-nos um fogo inventado, uma tura incandescente, um artifício da raça [...] ardemos em nossa obra, fabulosa honra mortal, alto desafio da fênix.

Finge que eu era suficientemente hábil com as palavras para fazer com que essa escritura fosse atravessada pela poética de Manoel de Barros. E se digo “atravessada” é porque repito a forma com que esses versos manoelísticos arremessam-me num mundo inimaginável. Diante de sua poética, sinto que há “deslizamentos capazes de fazer emergir linhas de escrita coloridas que escapam às palavras de ordem, de modo a traçar um estilo singular de habitar um mundo, inscrevendo-se a si e ao mundo” (HOLZMEISTER, 2013, p. 3); sinto que há tantos outros modos de não ser. *Finge que eu era* amiga de infância desse poeta brasileiro, exímio “apanhador de desperdícios”, alguém que “am[a] os restos” (BARROS, 2008, p. 25) e a “arte de infantilizar formiga” (BARROS, 2010, p. 329), que dá respeito “às coisas desimportantes” (BARROS, 2010, p. 399), que carrega uma alquimia de transformar pedra em poesia, que tem uma abundância inventiva das práticas cotidianas e que, como poucos, sabe praticar a magia reversa da (des)invenção.

Não me espanto que as crianças venham dizer sobre um gesto inventivo, de uma “ética crianceira”, de um “devir-criança” que invade o mundo, a poesia, a filosofia, as palavras, as coisas, os ditos, os escritos, as histórias, os contos e brincam (de faz-de-conta) e fazem “desobjetos” (BARROS, 2010) e “inutilidades” de tudo, numa presença infinita, num tempo intempestivo, num espaço imanente. Mas como dar passagem a essa força “crianceira” sem deixar que a experiência vire efeito de uma “produção de sentido” (JOYCE, 1994), com sua captura cognitivista da força do devir, tornando-a uma atualização da arte na era da reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 2000): a infância como “produto escalonável”.

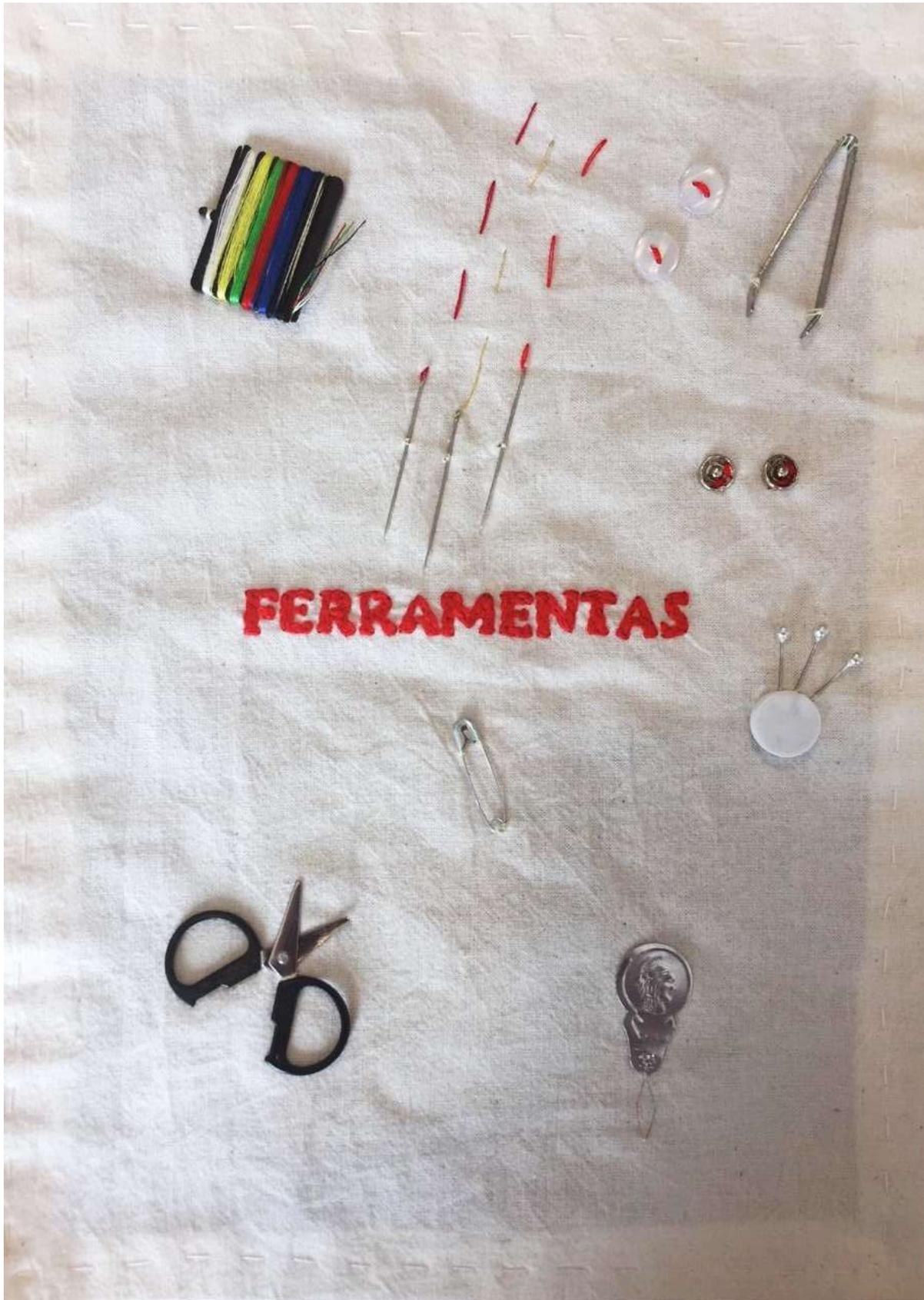
Vou escrever o *Manoêles* – sigo dizendo –, mas não como quem busca uma criança ou como quem finge que era uma criança. Deixemos a força heterotópica (FOUCAULT, 2013) “crianceira”, que “chapinhas nas poças, colhe flores e gosta delas e esquece-as” (PESSOA, 2016, p. 33), fazer o lirismo estéril e esgotar o onírico, obrigando-nos a inventar com a poesia, a clandestinamente profaná-la, em vez de idealizar nela uma saída, que nunca, nunca vem... E como fazê-lo? Qual o método? *A costura como desmétodo*. Pinheiro (2010, p. 35) descreve “o corpo como campo de forças da infância: resistência, criação e afirmação da vida” e em nota de rodapé ela explica isso de “desmétodo” em sua pesquisa:

O uso do prefixo DES junto à palavra método, que aponta negação ou involução, inspira-se na poesia de Manoel de Barros, que busca desmanchar e refazer

palavras brincando com seus possíveis sentidos – e (des)sentidos. Nesse caso, desmétodo indica justamente a ausência de método, ou o seu desmanchamento enquanto caminho com pressupostos pré-determinados ao qual o pensamento precisaria se adaptar para fazer sua jornada. Assim, desmétodo sinaliza a inexistência de um itinerário seguro, para que o pensamento crie sua trajetória no próprio andar, cujo impulso mais vigoroso é dado pelas incertezas que o afligem (PINHEIRO, 2010, p. 35).

Um desmétodo que não é necessariamente, um anti-método ou um não método, mas um “entre-métodos” em que conceitos, textos e linhas – de Manoel de Barros e de outros – são usadas tomados como “caixinhas de ferramentas”, um pouco seguindo o que sugere Foucault (1990, p. 220) sobre o uso de seus textos: “Se as pessoas querem abri-los, se servir dessa frase, daquela ideia, de uma análise como de uma chave de fenda ou uma torquês, para provocar um curto-circuito, desacreditar os sistemas de poder, eventualmente até os mesmos que inspiraram meus livros, pois tanto melhor.” Cortar, costurar, alinhar, desmanchar, refazer e, num eterno ritornelo de saberes e sabores, possibilitar deslocamentos possíveis para que numa proposta de “desformação” de professores, possamos, juntos, “(des)ver o mundo” (BARROS, 2010, p. 449) e com ele a infância pedagogizada.

Figura 1 – Caixa de ferramentas



Fonte: acervo da autora.

MANOELÊS E A DESFUNÇÃO DA INFÂNCIA LÍRICA

Como seguir sem tornar-se partícipe de uma utopia da criança lírica, sem agir como mais uma pesquisadora atrás de uma infância quimérica (a que nunca vem!)? Afirmar-se como alguém que quer pesquisar “sobre a infância”, parece requerer agora, inúmeras ressalvas, alertas, vírgulas e travessões – para o quanto antes – não padecer de redundâncias. Fazer a leitura da tese de doutorado de Nina Veiga (2015, p. 85), também me recorda que, antes de tudo, esse artigo

[...] não é “sobre” nada, mas junto à educação, uma educação fazida como tricô em frente à TV, como louça para lavar que nunca acaba. [...] Sua tese não é “sobre”, mas “com”. Com o quê? Com a vida que se vive, ora! Não é isso que vens falando sem parar? A vida que se vive a vida que se vive... Pesquisas a educação, movimento vivo, rente à vida que se vive.

De tal modo, pesquiso junto à educação, à vida, à infância – na amplidão do sentido dessa última palavra: seja a infância pesquisada, a idealizada, a perdida, a enigmática, seja a infância da filosofia, da educação, da poesia, da “rua”, do “prédio”, da “roça”, aquela que extrapola o meu entendimento ou a que me faz ser “mãe de dois”, a que já habitou meu corpo, a que se espalha pela minha casa; seja, ainda, a infância que ronda e instiga cada frase dessa escrita ou a que só de imaginar já me contradiz. E, diante dessas infâncias, preciso assumir que

[...] uma imagem do outro é uma contradição. Mas talvez reste-nos uma imagem do encontro com o outro. Nesse sentido, não seria uma imagem da infância, mas uma dimagem a partir do encontro com a infância. E isso à medida que esse encontro não é nem apropriação nem um mero reconhecimento no qual se encontra o que já se sabe ou o que já se possui, mas um autêntico face a face com o enigma, uma verdadeira experiência, um encontro com o estranho e com o desconhecido que não pode ser reconhecido nem apropriado. O sujeito do reconhecimento é aquele que não é capaz de ver outra coisa que a si mesmo, aquele que percebe o que lhe sai ao encontro a partir do que quer, do que sabe, do que imagina, do que necessita, do que deseja ou do que espera. O sujeito da apropriação é aquele que devora tudo o que encontra, convertendo-o em algo a sua medida. Mas o sujeito da experiência é aquele que sabe enfrentar o outro enquanto outro e está disposto a transformar-se numa direção desconhecida. Se o reconhecimento e a apropriação podem produzir imagens da infância segundo o modelo da verdade positiva, a experiência do encontro não pode ser mais do que transmitida numa imagem poética, quer dizer, numa imagem que contenha a verdade inquieta e trêmula de uma singular aproximação ao enigma. Nesse sentido, talvez seja certo o que diz Peter Handke: “... nada daquilo que está citando constantemente a infância é verdade; somente o é aquilo que, reencontrando-a, a conta” (LARROSA, 2017, p. 245-246).

Foi alguma infância que fomentou questionar-me – para além de minhas utopias – sobre quais seriam as “maneiras de fazer que não têm legitimidade aos olhos da

racionalidade produtivista”, como outrora foram as “artes do dia-a-dia na cozinha, artes de limpeza, da costura” (CERTEAU, 1994, p. 132) e que agora já parecem capturadas pela racionalidade capitalista. Viver a vida que se vive hoje, num tempo de conexão, de produtividade, nessa espécie de racionalidade capitalista que coloca cada um em estado de alerta e é capaz de fazer as fronteiras entre lazer e trabalho desaparecerem, torna mais compreensível a ideia de como “a produção anexou a esfera lírica” (PELBART, 2014, ON-LINE). É preciso pensar modalidades de desconexão, reativação de certa afetabilidade, ou seja, a capacidade que as pessoas ainda têm de serem afetadas e afetarem-se.

Haveria, sobretudo, uma urgência em rever os modos de existência, criar outras finalidades, colocar em suspenso a polaridade (isso ou aquilo), descobrir algo que não faz parte do repertório, inventar “esferas da insurreição”, com muitas “notas para uma vida não cafetinada”, buscando sempre aliados e cúmplices para resistir ao abuso da vida (ROLNIK, 2018). Talvez também seja imprescindível o gesto de esgotar a linguagem, de esterilizar o lirismo para que algo aconteça, para que algo *nos* aconteça, a começar tomando essa escritura como uma maneira de fazer “sucata”⁵.

Encarar a possibilidade de “empoemar” uma infância *com* Manoel de Barros poderia ser uma modalidade de desconexão, de invenção de uma finalidade outra. Para tanto, valer-se da potente disfunção lírica de seus versos não parecia ser suficiente, era preciso romper com um incômodo uso de sua poesia em territórios romantizados da Educação Infantil. Exigia distanciar-se do revés de ser vista como mais uma a pedagogizá-lo. E foi num entrave, naquele embaraço entre dar ouvidos aos que preveem uma certa obviedade nesta ação e aos que concebem a poesia como forma de favorecer a fuga das algemas da linguagem, que surgiu a ideia de extrapolar e supor o que significaria criar um tipo de ‘desfunção’ à infância lírica.

Se uma leitura *utópica* de Manoel de Barros pode levar a um perpétuo movimento de captura do lirismo em prol daquela máquina médico-pedagógico-econômica, ensaiar a sua leitura *heterotópica*, poderia ser uma forma de resistir ao discurso dominante e prescritivo que faz a infância contemporânea “funcionar”. Assim,

⁵ Sobre essa maneira de fazer sucata, escreve Michel de Certeau (1994, p. 85): “No terreno da pesquisa científica (que define a ordem atual do saber), com suas máquinas e graças a seus resíduos, pode-se desviar o tempo devido à instituição; fabricar os objetos textuais que significam uma arte e solidariedades; jogar esse jogo do intercâmbio gratuito, mesmo que castigado pelos patrões e pelos colegas, quando não se limitam a ‘fechar os olhos’; inventar os traçados de conveniências e de gestos; responder com um presente a outro dom; subverter assim a lei que, na fábrica científica, coloca o trabalho a serviço da máquina e, na mesma lógica, aniquila progressivamente a exigência de criar e a ‘obrigação de dar’. [...] Tratar assim as táticas cotidianas seria praticar uma arte ‘ordinária’, achar-se na situação comum e fazer da escritura uma maneira de fazer ‘sucata’.”

em vez de arrastar Manoel de Barros, ser por ele arrastado, especialmente ao fazer “o verbo [...] pegar delírio” (BARROS, 2010, p. 301), podendo gerar nesse encontro, um esgotamento na linguagem (pré-existente).

No prefácio de “As palavras e as coisas”, Foucault (2007, p. IX) afirma que este livro “nasceu de um texto de Borges”, mais especificamente do conto “*El idioma analítico de John Wilkins*”, no qual ele menciona

[...] uma certa enciclopédia chinesa intitulada Empório celestial de conhecimentos benévolos. Em suas remotas páginas está escrito que os animais se dividem em a) pertencentes ao Imperador, b) embalsamados, c) amestrados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cachorros soltos, h) incluídos nesta classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel finíssimo de pelo de camelo, l) etecetera, m) que acabam de quebrar o jarrão, n) que de longe parecem moscas.” (BORGES, 1960, p. 124).

Diante de tal classificação, Foucault (2007, p. XII) não só compartilha que o texto “fez-me rir durante muito tempo, não sem um mal-estar evidente e difícil de vencer”, como demarca que ali havia “o encanto exótico de um outro pensamento” somado à “impossibilidade patente de pensar isso”, porque nela há, sobretudo, uma “desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do heteróclito” (FOUCAULT, 2007, p. XII). Ele também faz uso do termo “heterotopia”, identificando-o como um procedimento literário frequente em Jorge Luis Borges.

Ler essa pretensa classificação enciclopédica desestabiliza as referências de ordenações e taxonomias com que estamos habituados. Ela provoca um tipo de inquietação, arranca, de fato, um riso desconfiado, instiga a tentar achar algum sentido naquela ordem alfabética. A disposição é feita de tal modo que não é possível estabelecer “o comum do lugar e do nome” (FOUCAULT, 2007, p. XII), não reconhecemos aquele espaço imaginado nas utopias que:

[...] consolam, porque, se não dispõem de um tempo real, disseminam-se, no entanto, num espaço maravilhoso e liso: abrem cidades de vastas avenidas, jardins bem cultivados, países fáceis, mesmo que o acesso a eles seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida, porque minam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque quebram os nomes comuns ou os emaranham, porque de antemão arruinam a ‘sintaxe’, e não apenas a que constrói frases mas também a que, embora menos manifesta, faz manter em conjunto’ (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. É por isso que as utopias permitem as fábulas e os discursos: elas situam-se na própria linha da linguagem, na dimensão fundamental da fábula: as heterotopias (como as que se encontram tão frequentemente em Borges) dessecam o assunto, detêm as palavras sobre si mesmas, contestam, desde a sua raiz, toda a possibilidade de gramática; desfazem os mitos e tornam estéril o lirismo das frases (FOUCAULT, 2007, p. V-VI).

Diante de tudo isso, arrisco-me a imaginar que Manoel de Barros, fazendo a vez de J. Borges e de braço dado com Foucault, endossá-lo-ia, afirmando – com a sua “voz de fazer nascimentos” (BARROS, 2010, p. 301) – que “as palavras eram livres de gramáticas e podiam ficar em qualquer posição” (BARROS, 2010, p. 425), ou ainda nos advertiria que “temos de botar um olho virgem nas coisas, temos que ver o mundo a partir de suas fontes” (BARROS, 1994, p. 18).

Abre-se nessa pesquisa, uma nova janela⁶. Por ela, adentra um sopro desejante de experiência: tirar a palavra infância de seu lugar comum, de seu *habitué*, de seus desígnios, de dentro do atual “Empório celestial de conhecimentos benévolos” que a domina, e assim, como J. Borges, Foucault e Barros, fazê-la minar a linguagem, subverter, sem meramente inverter a forma que é comumente empregada ou desastrosamente, convertê-la numa nova utopia. Se eu “imagino que na ponta do meu lápis tem um nascimento” (BARROS, 1997, ON-LINE), também decido experimentar substituir a palavra “animais” inicialmente por “infância”, mas percebo que talvez, seria melhor se a substituísse por “crianças” – sem qualquer juízo moral, apenas por ter a impressão de que comporia melhor com o excerto. Ensaio tal substituição, também adequando as mesmas classificações para o feminino que a nova palavra demanda, e se assim o faço é porque já fui bem avisada que “escreve ensaisticamente quem compõe experimentando” (ADORNO, 2003, p. 35).

Dito isso, releio:

Em suas remotas páginas está escrito que [AS CRIANÇAS] se dividem em a) pertencentes ao Imperador, b) embalsamadas, c) amestradas, d) leitoas, e) sereias, f) fabulosas, g) cachorras soltas, h) incluídas nesta classificação, i) que se agitam como loucas, j) inumeráveis, k) desenhadas com um pincel finíssimo de pelo de camelo, l) etecetera, m) que acabam de quebrar o jarrão, n) que de longe parecem moscas.” (BORGES, 1960, p. 124).

Reler essa nova classificação, arranca-me o sorriso de quem aprontou, estica-me a vontade de tentar repetir a ação. O resultado deixa-me ainda mais intrigada, porque classificar (taxinomizar?) as crianças de tal modo – assustadoramente – não soou algo tão “esquizo”, tão distinto daquilo que podemos observar nesse universo de prescrições, diagnósticos, etapas e adjetivações, especialmente dedicado às “inumeráveis” crianças “amestradas” que “se agitam como loucas” que parecem “cachorras soltas” e portanto, deveriam ser “embalsamadas” porque “acabam de quebrar o jarrão” pela enésima vez.

Dentre os outros ensaios com trocas de palavras que tento fazer, notei que era

⁶ Como diz Álvaro de Campos: “Deixem-me respirar, abram todas as janelas, abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo” (PESSOA, 1917, ON-LINE).

preciso administrar esse caos. Preciso imprimir vontade estética sobre esse material. Não acho o tom de entrada. Não acho o tempero que me apraz. Desassossegada, indago-me: E seu eu fizesse o mesmo movimento apenas com a palavra infância? Quando⁷ e como eu poderia colocar a infância em outras escrituras, o que poderei ler? Que “contra-espacos” (FOUCAULT, 2013) a infância poderia ocupar?

Era a hora de experimentar a potência do “invisível espaço da linguagem”, procurar um espaço de transgressão, um espaço perturbador ao ponto de perguntar: o que é isso “que está se constituindo, que está se tornando obscuramente visível, mas ainda não pensável, entre a linguagem e o espaço” (FOUCAULT, 2005, p. 173)?

Botar a infância num espaço não-pensável, não seria colocá-la num fora absoluto, numa transgressão permanente. Mas sem dúvidas, poderia levá-la a uma transgressão temporária, acontecimental. Com cuidado, friso que não se trata de um temporário, *à la mode Neoliberal*, mas de um temporário aiônico ou intempestivo, em que uma transgressão *acontece* irrompendo o tempo cronológico, formando uma “Zona Autônoma Temporária” (BEY, 2001), TAZ, de experiência (e sentido) da infância: a poética que assombra e desordena a linguagem pode então dar uma breve “cintilância aos seres apagados” (BARROS, 2010, p. 387), “pelo subversivo, pela erupção do maravilhoso” (BEY, 2012, p. 40), colocando a palavra “infância” onde não tem, arrastando-a para um outro lugar.

Do “esbarro” com a poesia e com o pensamento de Manoel de Barros, obviamente escaparam-me inúmeras nuances, sutilezas, possibilidades. Porém, não haveria outro poeta com quem eu pudesse experimentar dizer que “a razão me descompleta” (BARROS, 1994, p. 18) ou que eu também “não quero saber como as coisas se comportam. Quero inventar comportamento para as coisas” (BARROS, 2010, p. 395). Manoel ainda diria que “só quem está em estado de palavra pode enxergar as coisas sem feito” (BARROS, 2010, p. 363), o que me faz pensar na infância em estado de palavra, em imaginar uma forma de enxergá-la sem o tal feito.

O crítico literário Alberto Pucheu (2007, p. 74) adverte que: “um dos problemas em que normalmente se incorre ao se trabalhar com poesia é o de se tentar um esartejamento dos poemas em conceitos já conhecidos e gastos, tornando estéril o que era vitalizado”. Tomada pela vontade de ensaiar algumas (re)combinações e paráfrases com esse material poético, arrisquei os primeiros alinhavos. A motivação foi verdadeiramente redobrada, no dia em que fui buscar meu filhote de quatro anos na

⁷ Manoel de Barros (2008, p. 49) escreve: “O quando mandava em nós. A gente era o que quisesse ser só usando esse advérbio”.

escola e fui recebida com o dizer: “A *mamãe tem um cheiro bonito!*”. Era a boniteza da disfunção lírica tomando-me outra vez. Era o poeta, em “O livro das Ignorãças” (BARROS, 2010), reforçando que a criança pode mudar a função do verbo, fazendo-o delirar. Seria, então, a poesia uma espécie de “zona franca” da infância?

Uma vez mais, Pucheu (2007, p. 74) reforça que é o próprio Manoel quem avisa: “ninguém me engana com bolo. Nem me desvenda com caneta”. Ele também conta que em uma de suas entrevistas poéticas, Manoel de Barros escreveu que “a grande poesia há de passar virgem por todos os seus estupradores. Pode ser amada, nunca analisada. Hoje eu fiz uma palavra amanhecer entre aves. A frase não diz nada. Mas tem um toque insujeito a comparações” (PUCHEU, 2007, p. 74).

O alerta está evidente e como uma boa fugitiva de qualquer análise que me fizesse vítima de mais um tiro no pé, retomei a ideia da “costura” como arte ordinária, como cultura comum; como poética – *poiesis*: criar, inventar, gerar. Dessa maneira, o “fazer costura” a seguir é experiência “poética do fazer”, que cria e inventa. Trata-se de um gesto arquetípico capaz de auxiliar a fazer a palavra infância amanhecer *entre* aves. Adepta à máxima “*explanation kills art*” e, cuidando para não esquartejar poemas, nem transbordar de boa intenção, eu costurei a palavra “infância” em alguns poemas barrosianos, especialmente naqueles que sequer a mencionavam. Queria encontrar as heterotopias, fazer TAZ de infâncias, deixar o seu significado se des/refazer a cada nova leitura. A sensação era a de tirar a infância do mapa. Era como se diante da pergunta de Hakim Bey (2003, p. 47) – “Quem pode inventar para nós uma cartografia da autonomia, quem pode desenhar um mapa que inclua nossos desejos?” –, eu pudesse agora, levantar a mão e com um sorriso no rosto dizer: “Eu!”

Não posso e nem pretendo explicar mais nada. De fato, ler o resultado dessa costura também pode *não dizer nada*. Mas, eu poderia apostar que conferiram à infância *um toque insujeito a comparações...*

MANOELÊS E AS EXPERIÊNCIAS DE UMA MÁQUINA DE GUERRA

Figura 2 – Bloco de costuras poéticas

Minhocas arejam a terra; **Infância(s)**, a linguagem

Em dois anos a **Infância** e o mato vão crescer em nossa boca.

Para apalpar as **Infância(s)** do mundo é preciso saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca
- b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer
- c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos
- d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação
- e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos
- f) Como pegar na vóz de um peixe
- g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.

Etc

etc

etc

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.

Fonte: BARROS, 2010.

Figura 3 – Bloco de costuras poéticas

Ando muito completo de vazios.
Meu órgão de morrer me predomina.
Estou sem eternidades.
Não posso mais saber quando amanheço ontem.
Está rengo de mim o amanhecer.
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.
Atrás do ocaso fervem os insetos.
Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu destino.
Essas coisas me mudam para cisco.
A minha independência tem **XInfância(s)!!**.

Quero apalpar o som das **VInfância(s) <**.

A **XInfância!!** se acostumou de enxergar antigamente.

A chuva se engalana em arco-íris.
Não sei mais calcular a cor das **VInfância(s)!!**.
As coisas me ampliaram para menos.

Fonte: BARROS, 2010.

Figura 4 – Bloco de costuras poéticas

Não era mais a denúncia das ~~Infância(s)~~ que me importava, mas a parte selvagem delas, os seus refolhos, as suas entraduras.

Me procurei a vida inteira e não me achei — pelo que fui salvo.

Descobri que todos os caminhos levam à ~~Infância~~.

As ~~Infância(s)~~ eram livres de gramáticas e podiam ficar em qualquer posição.

Contou que viu a ~~Infância~~ latejar de andorinhas.

A gente pintava nas ~~Infância(s)~~ a voz.

Visão é recurso da imaginação
para dar às ~~Infância(s)~~
novas liberdades?

Fonte: BARROS, 2010.

Eu vi duas **XInfância(s)II** amarelas pousadas no
muro da tarde.

A **XInfância X** maior enfiou uma coisa fininha
que nem tripa de lambari

na **XInfânciaII** menor.

Ambas tremeram de amor durante.

Depois voaram buliçosas pelas ruas do jardim.

Fonte: BARROS, 2010.

DESCLUSÃO

As infâncias, a infância. Isso. Essa coisa enigmática. Ou como escreve Kohan (2015, p. 217):

A infância, devemos dizê-lo claramente desde o início, é um mistério, um enigma, uma pergunta. Não me refiro, claro está, apenas a uma etapa cronológica da vida humana, mas antes que qualquer outra coisa, a essa condição que nos habita – às vezes de forma mais perceptível, às vezes quase imperceptível – desde que habitamos o mundo. Essa condição que, também devemos dizê-lo desde o começo, não nos abandona, mesmo na forma do silêncio ou de uma presença imperceptível, até que abandonamos o mundo.

Palavra que parece tão suja. Ou teria apenas um lado sujo? Torcê-la daqui e remendá-la de lá fez chover, fez tirar água de pedra. Fez vida, fez significados. Palavra capaz de dar potência a pedra, ao caracol, ao chapéu, à terra, ao chão, ao pantaneiro... Ao verso, ao poema. Ela, palavra-nômade, agora desengavetada, ocupou novos lugares, refez-se possível, fez-se impossível. Como boa brincante, não olhou para nada com indiferença. Costurou-se como craca, a todo momento, a cada nova combinação. Ali ela foi singular, às vezes, foi plural. Foi (des)palavrada, experimentada.

Costuramo-la e relemos.

Costuramo-la e relemos.

Costuramo-la e relemos.

Costuramo-la e... Não soubemos se ali, naquele espaço, ela se tornava um remendo ou nova possibilidade. Ali ela se fazia água, dissolvia-se nas frases. Noutras

se fazia fogo, esquentava os versos...

Nessa terra, "o deserto cresce" (NIETZSCHE, 2011, p. 290)... Cresce nessa *desertação*, pois afinal é preciso "escrever como um cão que faz seu buraco, um rato que faz sua toca. E, para isso, encontrar seus próprios pontos de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, [sua própria costura,] seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto" (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 28-9). Irrompe-se a programação da escrita de uma conclusão, para pensar uma *via* não fascista, para "não cair de amores pelo poder" (FOUCAULT, 2001, p. 136) – como escreveu um dia um filósofo francês. Aquele que, imediatamente, emendou a pergunta: "Como o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecida?" (FOUCAULT, 2001, p. 134). E ele mesmo responderia: "*Ars erotica, ars theoretica, ars politica.*" (FOUCAULT, 2001, p. 134).

Ars ordinaria! – eu retrucaria – Arte ordinária da costura: um político coser poesia e cotidiano e outras experiências de infância possível.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. *In*: ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura**. Tradução Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 15-45.

BARROS, Manoel. A desconstrução da palavra. **Cadernos do Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro, n. 175, p. 17-19. 1994. Entrevista Concedida a Ana Maria Accioly.

BARROS, Manoel. Manoel de Barros busca o sentido da vida. São Paulo: 1997. **O Estado de São Paulo**, Caderno 2, São Paulo, 18 out. 1997. Entrevista concedida a José Castello. Disponível em <<http://secrel.com.br/jpoesia/castel11.html>>. Acesso em 8 fev. 2017.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. *In*: ADORNO et al. **Teoria da Cultura de massa**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

BEY, Hakim. **TAZ**: zona autônoma temporária. São Paulo: Conrad, 2001.

BORGES, Jorge Luis. **Otras inquisiciones**. Buenos Aires: Emecê, 1960.

BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha.** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v. 3. Tradução Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** v. 4. Tradução Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits II, 1976-1988.** Editado por Daniel Defert e François Ewald. Paris: Éditions Gallimard, 2001.

FOUCAULT, Michel. Linguagem e literatura. In. MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura.** 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** Tradução Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias.** Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

GRAVES, Robert. **Os Mitos Gregos.** v. 1. Tradução Fernando Klabin. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

HILLESHEIM, Betina. Uma educação por vir: infância e potência. **Educação & Sociedade.** Campinas, v. 34, n. 123, p. 611-620, jun. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000200016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 2 out. 2018.

JOYCE, Patrick. **Democratic Subjects: The Self and the Social in Nineteenth Century England.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

KOHAN, Walter Omar. Visões da Filosofia: Infância. **Alea,** Rio de Janeiro, v.17, n. 2, p. 216-226, dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2015000200216&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 mar. 2017.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MARINHO, Samarone. Cotidiano primordial de Manoel. In. SOUZA, Elton Luiz Leite de (org.). **Poesia pode ser que seja fazer outro mundo: uma homenagem ao centenário de Manoel de Barros.** 1. ed1 Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. p. 17-31.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência.** Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PELBART, Peter Pál. Poderíamos partir de Espinosa. **Afuera:** estudos de crítica cultural, v. 7, 2008. Disponível em <<http://artesescenicass.uclm.es/index.php?sec=texto&id=182>>. Acesso em 15 set. 2018.

PELBART, Peter Pál. **Entrevista com Peter Pál Pelbart.** 2014. Disponível em <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8624_PETER+PAL+PELBART>. Acesso em 12 set. 2018.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PESSOA, Fernando. **Ultimatum.** 1917. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/456>. Acesso em 2 out. 2018.

PESSOA, Fernando. **Obra poética de Fernando Pessoa:** volume 2. 1. ed1 Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

PINHEIRO, Maria do Carmo Morales. **O corpo como campo de forças da Infância:** resistência, criação e afirmação da vida. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação. Piracicaba, SP, 2010.

PUCHEU, Alberto. **Pelo colorido, para além do cinzento.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RUIZ, Alice. Alice Ruiz. *In:* NUNES, Deolinda; MONTEIRO, Wanda (Orgs.). **Sete:** feminino de luas e marés, coletânea Poética. São Paulo: Ed. Essencial, 2017. p. 21-28.

SAMPAIO, Helena Almeida e Silva. **Olhei uma infância a desabar sobre uma criança:** fotografei o sobre. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências de Educação, Artes e Letras, Universidade Regional de Blumenau, SC, 2019.

SOUZA, Elton Luiz Leite de. **Manoel de Barros:** a poética do deslimite. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. **Fiar a escrita:** políticas de narratividade. Exercícios e experimentações entre arte manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educações inspirado numa antroposofia da imanência. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

"MANOELÊS" E A DESFUNÇÃO DA INFÂNCIA LÍRICA: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA COSTURA DE OUTRAS INFÂNCIAS POSSÍVEIS

"Manoelish" and the unfunction of the lyrical childhood: aesthetic experience of sewing others potential childhoods

Helena Almeida e Silva Sampaio

Mestre em Educação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Departamento de Filosofia
São Paulo, Brasil.

helenaalmeida@me.com

<https://orcid.org/0000-0001-6639-8670>

Celso Kraemer

Doutor em Filosofia
Fundação Universidade Regional de Blumenau
Departamento de Educação
Blumenau, Brasil

celsok@furb.br

<https://orcid.org/0000-0003-2406-9638>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua: Madre Maria Villac, 2329 – apto 225, bloco A7. Canasvieiras, CEP 88054-001 Florianópolis/ SC – Brasil.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: H.A.S. Sampaio

Coleta de dados: H.A.S. Sampaio

Análise de dados: H.A.S. Sampaio

Discussão dos resultados: H.A.S. Sampaio

Revisão e aprovação: H.A.S. Sampaio

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001".

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 12-09-2021 – Aprovado em: 14-08-2022